

O Menino que Comeu uma Biblioteca

Cléa

O MENINO que COMEU uma BIBLIOTECA trata da guerra, literatura, tarô e amor. A literatura e a guerra me chamaram mais atenção.

Quanto à literatura, me encantou o avô de Jósik ser professor apaixonado por livros de Conrad, Shakespeare, Tolstói, Henri James, Kafka, Dickens entre outros tantos e transmitir esse gosto ao neto.

Eu tinha 10 anos quando o Brasil declarou guerra à Alemanha.

Na cidade de Rio do Sul, onde morávamos, situada perto de Blumenau, a população era na maior parte alemã e italiana. Alguns indivíduos não falavam nada em português. Com a proibição de se expressar em alemão, se caso alguém fosse denunciado seria preso. Com a falta de trigo, o pão vendido nas padarias apresentava um aspecto feio, escuro.

Em 1937, fora construído um monumento ao colono, com bandeirolas de suásticas nazistas em homenagem à imigração germânica, próximo ao Clube de Caça e Tiro. Lembro-me quando destruíram esse monumento durante a guerra e como a sede do clube estivesse sem cuidadores, a meninada tirava os quadros das paredes com retratos dos ex-presidentes da associação. quase todos de origem alemã, e com bolas pesadas de boliche muito usadas na época, quebrava tudo.

Não esqueço que a irmã de uma amiga minha viajara para a Alemanha, em visita aos avós, e não podia voltar para o Brasil. Panelas velhas de alumínio eram requisitadas para fazer aviões. Diziam ser proibido usar o nome Hotel Flórida, por ser o anagrama de Adolfo Hitler.

Imaginava que fôssemos perder a guerra. Lutar contra a poderosa Alemanha? Uma superpotência.

Aos 11 anos, fui estudar interna no colégio Coração de Jesus em Florianópolis porque só havia curso ginásial na capital. As irmãs pediam que enviássemos alimentos para matar a fome das pessoas, lá na Europa. Recebi cartas de agradecimento de uma austríaca com fotos da região.

Por outro lado, quando os expedicionários eram convocados para ir lutar na Itália, eram organizados desfiles militares. Víamos mães chorando pela ida dos filhos, noivas tristes pela partida de seus amores. Era emocionante.

Em 1945, no fim da guerra, coube a nossa professora proferir o discurso de comemoração da vitória. Pensei: como será que ela vai começar a falar? Ela iniciou assim: Paz na terra aos homens de boa vontade!

Participávamos do desfile cantando com maior civismo a Canção do Expedicionário. Ou A canção do exército. Ou a canção Sabemos Lutar.

Em 1945 com o término da guerra, outro fato que me marcou foi minha prima Aleida Schweitzer depois de ter feito o conservatório em Curitiba, estudado piano em Amsterdam, ter ganho uma bolsa em Varsóvia e lá conheceu o violinista Jerzy Milewski com quem se casou em 1971. Ele só poderia sair de lá casado. E a guerra já havia terminado há 26 anos.